

DRUMMOND E SUA CONCEPÇÃO DE POESIA

Lionira Maria G. Komosinski

INTRODUÇÃO

Para Drummond, o que significa ser poeta? Qual a concepção de poesia que possui o maior escritor do Brasil? Quem nos responde a estas indagações é a própria obra do poeta em questão. Os seus livros, desde "Alguma Poesia" até "Lição das Coisas", possibilitam uma visão gradual do tema em estudo.

A fim de encontrar o que procurávamos — a concepção drummondiana da poesia — limitamo-nos aos seguintes aspectos dos seus poemas: o comprometimento do homem como poeta; a luta do poeta com a palavra; o relacionamento do poeta com o mundo através da memória.

DRUMMOND E SUA CONCEPÇÃO DE POESIA

O estudo dos poemas de Carlos Drummond de Andrade, realizado com o fim específico de deduzir da obra a concepção de poesia do seu autor, levou-nos ao registro dos aspectos que seguem.

1. A assunção do poeta

Drummond começa a nos falar do poeta e/ou do poema quase que em tom de piada e de crítica: "Eu também já fui poeta. / Bastava olhar para mulher. / pensava logo nas estrelas" (1). Note-se que o autor diz **já fui poeta** e faz referências aos temas que então o inspiravam: mulheres, estrelas. É na mesma estrofe que Drummond faz a correção desta sua primeira atitude: "Mas eram tantas / o céu tamanho, / minha poesia perturbou-se" (2), alertando-se e alertando-nos para a impossibilidade e a inutilidade de temas vazios, comuns a todos os poetas menores. Esta constatação, contudo, não é suficiente para que o poeta se defina: "Eu também já tive meu ritmo /.../ não tenho ritmo mais não" (3). Mulheres e estrelas, tema presente em toda a poesia lírica, ainda não têm substitutos.

No mesmo livro dos versos acima — **Alguma Poesia** — Drummond nos diz da situação do poeta em relação ao público: "O jornal governista ridicularizava seus versos, / os versos que ele sabia bons. /.../ E a desleixar os versos" (4). Temos aqui um testemunho de que o poeta, para continuar sendo poeta, precisa do incentivo de seguidores, do elogio da crítica, uma vez que é um homem igual aos outros: "O poeta chega na estação /.../ como qualquer homem da terra, / uma ovação o persegue / feito vaia" (5). Temos ainda o poeta em luta consigo mesmo e com o mundo, num titubear diante da missão que julga ser a de falar a verdade e a de ser, ao mesmo tempo, um cidadão como aqueles que o rodeiam, com o direito de possuir os mesmos problemas e de engajar-se nas mesmas idéias.

Em "Poesia" (6) nota-se a presença do poeta invadido pela poesia do mundo, com o verso inquieto dentro dele, pronto para ser escrito, mas ainda há relutância na escrita. Esta hesitação pode ser percebida também no verso "(Desconfio que escrevi um poema)" (7). O autor sente-se pronto para a poesia, mas as dúvidas impedem e/ou dificultam a concretização da obra. O poeta parece aceitar a idéia de que "mulher e estrelas" podem ser substituídas pelos problemas que afligem o mundo e, conseqüentemente, pelo **homem**. Esse verso, mesmo entre parêntesis, é uma reconsideração do que fora afirmado no início do poema: "Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade". É, ainda, um despertar, é um posicionamento do poeta diante do mundo, como poeta. É um voto de confiança à luta com e pela palavra.

Em "Explicação" (8) há um recuo em relação à perspectiva assumida. Mais uma vez o poeta diz ser aquele que escreve para si, para seu consolo. O verso, mesmo dando cambalhotas, lhe satisfaz. E isto basta. É ainda este o pensamento que aparece nos versos: "Vamos fazer um poema / ou qualquer outra besteira" (9). "A poesia é incomunicável" (10). Há neles um pessimismo em relação às possibilidades do poeta e à validade da poesia. "A poesia é incomunicável", isto é, os problemas dos homens não devem perturbar o artista. Poesia é arte. Problemas, homens que sofrem, devem ficar afastados. A identificação de ambos é inviável.

Contudo, enquanto o poeta faz tais afirmações, está comprovando o contrário. No mesmo poema diz conhecer a existência "do tiroteio, da revolução, do amor e do sacrifício". "Tudo é possível, só eu impossível". Negando a possibilidade de abordar problemas do mundo, está tratando deles ou, ao menos, acusando o seu conhecimento. É um recuo aparente que, na verdade, não existe.

Em "Sentimetro do Mundo" há a aceitação da poesia como veículo de comunicação entre o poeta e o mundo. Este é assumido como tema de poesia: "Esse incessante morrer / que nos teus versos encontro / é tua vida, poeta, / e por ele te comunicas / com o mundo em que te esvais" (11).

Drummond assume o mundo tal qual ele é: "Não serei o poeta de um mundo caduco. / Também não cantarei o mundo futuro. / Estou preso à vida e olho meus companheiros" (12). É a vida e mundo presentes que interessam. Poeta e mundo estão unidos porque ao primeiro interessa somente o problema do homem. O **ofício** de poeta é assumido e, com ele, os problemas humanos, razão de ser da obra poética. Seu instrumento de trabalho — a palavra — pode ser diferente daqueles dos seus companheiros, mas a meta a atingir é a mesma: a redenção humana.

2. A luta do poeta com e pela palavra

A poesia é a arte que se manifesta pela palavra. Tal constatação poderia nos levar à falsa convicção de que poesia seja algo que está ao alcance de todos quantos saibam ler e escrever. Drummond também nos diz que isto não é verdadeiro: "Gastei uma hora pensando um verso / que a pena não quer escrever" (13). Seria fácil lançar no papel palavras que contivessem unicamente uma carga de imagem e de conceito. Entretanto, a palavra poética deve estar além disto. Esse verso que é pensado, que está vivo e inquieto dentro do poeta, precisa vir à luz através de palavras que vivenciem um sentido, que tragam aquilo que é fruto da intuição, através de imagens. Esta nova linguagem não vai refletir uma cópia, mas sim um estado, uma situação que deve ser medida com base num nível próprio, interior. Por si só deverá ter uma força persuasiva capaz de provocar no leitor a mesma experiência do autor.

A pena não quer escrever e o poeta luta com as palavras: "Lutar com as palavras / é a luta mais vã. /.../ Lutar com palavras / parece sem fruto. / Não têm carne e sangue /.../ Entretanto, luto" (14). É nesta luta que se origina a obra literária. Heidegger, em seu trabalho "A origem da obra de arte", reconhece estar num círculo vicioso quando diz que o artista é a origem da obra; a obra, a origem do artista e que o conceito de arte deve ser deduzido da obra. Sem dúvida, o artista é anterior à obra e esta é fruto da luta pela palavra, uma vez que vivemos e pensamos por ela. O poeta é aquele que pensa sobre o homem, que registra e guarda os frutos do seu pensar através da palavra.

Por que Drummond usa a expressão "lutar"? O homem entra em contato com o mundo que o rodeia quando associa as coisas que o circundam aos sons que as designam e/ou às pala-

avras que nomeiam estes seres. Contudo, este mesmo homem é capaz de alcançar um estágio mais alto do pensar. É quando sente necessidade de formar novas palavras, conceber novas acepções para velhas formas, estabelecer novos agrupamentos. Mas as palavras "São muitas, eu pouco. / Algumas, tão fortes / como javali" (15). E o poeta, que não se julga um louco, precisa lutar para não perder o pensamento criado, para sobreviver, uma vez que a vida da poesia depende da palavra.

Sendo a linguagem uma instituição coletiva que é legada de geração à geração, possui regras que se impõem àqueles que dela fazem uso. A linguagem é anterior ao homem e a luta "com as palavras parece sem fruto". Drummond aceita a luta porque: "As palavras não nascem amarradas, / elas saltam, se beijam, se dissolvem, / no céu livre por vezes um desenho, / são puras, largas, autênticas, indevassáveis" (16). O poeta reconhece a existência de uma pluralidade de significados coexistindo num mesmo significante; a possibilidade de criar novas relações a fim de que tragam uma reestruturação da linguagem, possibilitada pela abertura do discurso literário. Os versos acima transcritos evidenciam uma "falta de linguagem" que leva o autor a novas explorações verbais.

Esta assertiva parece contradizer o que afirmamos anteriormente, ao nos referirmos à linguagem como instituição social legável. Na verdade, ela vem comprovar a existência de formas primitivas, advindas de uma fonte comum, que possibilitam as variantes que hoje possuímos. Quando Drummond diz que "as palavras não nascem amarradas" e que "são puras, largas e autênticas" diz, simultaneamente, que a "linguagem apresenta-se como uma possibilidade de ser para o homem, como uma protoforma que antecipa todas as formas e modalidades do vir-a-ser das expressões" (CRIPPPA p. 93).

Ao poeta cabe, segundo Croce, empregar as formas primeiras que não degeneraram e que são distintas daquelas empregadas pela linguagem prosaica. E, como diz Dufrenne, a poesia "não reflete sobre a linguagem, ela a produz; mas não a inventa, apenas transfigura a linguagem comum" (DUFRENNE p. 48). Este retorno à linguagem primordial, várias vezes é manifestado nos poemas drummonianos ["O que quer o homem? salvar-se / ao prêmio de uma canção..." (17)] nos traz a permanência, a vida conquistada pela conquista da palavra; a instauração de um mundo novo que, para Heidegger, parece nascer da ausência de algo e que constitui o ser-obra da obra. Este mundo não significa a totalidade das coisas da natureza nem a comunidade humana, mas "o inobjetivo, o inumerável". Para instaurar este mundo é necessário elaborar a terra, abri-la e superá-la na sua tentativa de reter a criação nas suas entranhas.

Drummond mantém esta luta que transparece nos versos: "Não faças versos sobre acontecimentos. /.../ O que pensas e sentes, isso ainda não é poesia. /.../ O canto não é a natureza / nem os homens em sociedade" (18). Temos nestes versos a concepção de poesia. O poeta alerta-nos sobre o ser da verdadeira poesia: "o objeto só se nos entrega com a linguagem, na linguagem e por meio dela: procurar qualquer coisa por detrás da expressão verbal é procurar no vazio" (PFEIFFER p. 14). A poesia não é uma forma que funciona como receptáculo de conteúdo ou como meio de comunicação. A arte se relaciona com a natureza, mas não se confunde com ela. O poema não fala de algo ou por alguma coisa; ele fala por si. Ele não comunica; ele é. A comunicação ou, antes, a informação que obtivermos dele é resultante do fato de o poema ser. As palavras que o compõem não ocultam nada atrás de si, além de si, como quando empregadas na comunicação.

No mesmo poema — "Procura de Poesia" — Drummond nos chama a atenção para o fato de ser o poema o continente de si mesmo quando fala: "A poesia (não tires poesia das coisas) / elide sujeito e objeto". A palavra poética não nos remete ao real; ela é o real e tem por finalidade atualizar uma situação intuitiva, revocar em nós a poesia intuitiva pelo autor: "Penetra surdamente no reino das palavras. / Lá estão os poemas que esperam ser escritos. /.../ Convive com teus poemas, antes de escrevê-los" (19). Esta deve ser a atitude do poeta e idêntica deverá ser a do leitor.

A elisão sujeito e objeto é perceptível também nestes versos: "O poeta / declina de toda responsabilidade / na marcha do mundo capitalista / e com suas palavras, intenções, símbolos e outras armas / promete ajudar / e destruí-lo" (20).

Este aparente recuo diante da "marcha do mundo capitalista"; este simulado desligamento do poeta com o mundo — objeto de seu labor e fonte da sua linguagem — é, na verdade, o resultado da integração, do acúmulo de experiências havidas entre o homem e o mundo, entre o homem e o universo em que se envolvem. Somente este relacionamento possibilita o surgimento das palavras que servem de arma para o poeta, no combate a este mundo que ele relega.

3. Poeta, mundo e memória.

Essa consciência do estreito relacionamento entre o ser que canta e aquele que é decantado, nem sempre esteve suficientemente clara para Drummond. É o que se pode ver nos versos: "Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade. / Impossível escrever um poema — uma linha que seja

— de verdadeira poesia. / Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples" (21).

Realmente a tecnologia fez surgir uma ânsia de objetividade, tornando a vida, para muitos, empobrecida. O progresso põe entre o homem e o objeto um grande abismo. O homem, apesar disto, graças à força interior que possui e que faz nascer a necessidade de exteriorizar o que sente, sai de dentro de si e se lança sobre a natureza que o rodeia. Então, extrai dela os bens que lhe darão o prazer de viver.

Se o homem se submetesse ao mundo tecnológico seria um escravo. É pela literatura que o ser humano se liberta das condições externas. Isto só ocorre porque os valores estéticos possuem autonomia e não se constituem numa normatividade, nem do sujeito nem do objeto. "O artista não está cerceado pelas imposições de correspondência à realidade — ele parte da realidade para criar a realidade. Porque o resultado artístico não é o tema, nem a forma, mas a tensão constitutiva de um novo fenômeno, que é o fenômeno da arte" (PORTELLA p. 24). Drummond parece estar tomando consciência disto quando, timidamente, coloca entre parêntesis: "(Desconfio que escrevi um poema)" (22).

Dissemos acima que o poeta não canta o mundo que o rodeia, mas que cria um mundo a partir da convivência com esse mundo. Logo, o poeta é um criador e esta integração entre o eu e o mundo é oriunda também da memória.

Em Drummond, a memória aparece como meio de re-sentir o mundo e como possibilidade de repetição. O poeta não é apenas um ressentido como ele diz em "Conclusão", mas é aquele que re-sente a vida e a recria: "Tudo foi breve / e definitivo. / Eis está gravado / não no ar, em mim, / que por minha vez / escrevo, dissipo" (23).

Para Bergson, existem dois tipos de memória: aquela que imagina — memória por excelência — e a outra que repete. O re-sentimento se dá pela reativação de imagens passadas, através de um gesto voluntário que leva o poeta ao conhecimento da sua própria essência.

A memória é a capacidade de repetir com criatividade, de refazer aquilo que já foi feito pelos seres primordiais. Assim sendo, repetir é voltar ao princípio.

Drummond nos diz que a poesia se repete sempre, o que a torna uma memória que se prolonga: "Retomai minhas palavras, / meus bens minha inquietação, / fazei o canto ardoroso, / cheio de antigo mistério / mas límpido e resplendente" (24). Voltar à

antigas formas, às formas primeiras, equivale a anular o tempo. A repetição equivale à fixação do passado e à reexperimentação do tempo antigo. Presente, passado e futuro tornam-se presente: "Dentro de mim, bem no fundo, / há reservas colossais de tempo, / futuro, pós-futuro, pretérito" (25). O presente é constante, graças à repetição, ao retorno que é, aliás, uma das características marcantes dos poemas de Drummond.

Nos livros "Fazendeiro do Ar" e "Lição das Coisas" esta problemática do tempo se faz bastante clara. Vejamos o poema "Elegia". No verso "Ganhei (perdi) meu dia", temos a dicotomia ganho e perda que, na verdade, equivale a dizer que a toda perda segue-se um ganho; que a todo fim corresponde um começo; que a todo passado corresponde um presente e um futuro. Recolher-se "ao cofre de fantasmas" equivale a tornar presente o passado. Neste recolhimento, nesta presentificação do passado, pela memória, o poeta recorda aquilo que quiser reviver. Nesta atitude, sem saber se o que faz "é jogo ou poesia", Drummond nos diz que a poesia, mesmo lúdica, é memória.

Ao falarmos no tempo sempre presente, e/ou no "eterno retorno" temos que retomar a palavra poética que, com seu poder de revocação, mantém a vida e ressuscita os mortos; se instaura como memória organizada, possível de ser transmitida. "Bem te conheço, voz dispersa nas quebradas, / manténs vivas as coisas nomeadas. / Que seria delas sem apelo à existência" (26).

Esta palavra que anula o tempo, que reergue o mundo original, estabelece um discurso que permanece além dele mesmo, estabelece um discurso poético.

CONCLUSÃO

Fizemos, acima, algumas referências à palavra poética de Drummond e às decorrências do seu uso: elisão sujeito e objeto; anulação do tempo e conseqüente eternização da vida. Os versos referentes à luta do poeta com e pela palavra comprovam uma atitude poética de autor em estudo. Elas nos dizem da sua consciência sobre a pré-existência da linguagem em relação ao homem e, concomitantemente, da sua existência para o homem. A este cabe debruçar-se sobre as palavras e encontrar a chave que abra o mundo nelas escondido. Vencida esta etapa, o poeta restituirá às palavras a espontaneidade, a naturalidade, a força, próprias da palavra poética.

"As palavras não nascem amarradas" "pois a linguagem planta suas árvores no homem e quer vê-las cobertas de folhas, de signos, de obscuros sentimentos..." (27). É Dufrenne quem nos auxilia a descobrir o sentido destes versos: "Com efeito, as pala-

avras primordiais têm um sentido flexível, não indeterminado, mas antes superdeterminado" (p. 40). Esta pluralidade da palavra advém das múltiplas e grandes imagens que o mundo nos oferece. O poeta, como ser integrante do mundo que "não foge ao mínimo objeto / nem recusa o grande"; que constata o "desafio da palavra e aceita o combate", reconhece que a palavra poética reúne em si uma significação múltipla.

Se o mundo oferece imagens ao poeta, como se explica o que dissemos no início: o poeta não copia o mundo? Drummond é claro neste aspecto. A poesia não refletirá uma cópia do mundo, da natureza, porque ela é instauradora de um mundo, pela reativação da linguagem. Qual é, então, o mundo do poeta? É um mundo irreal e imaginário, se o compararmos com a realidade objetiva, referencial. O mundo da obra poética de Drummond é um mundo próprio, real e possível pela palavra. O homem, produto da natureza e, conseqüentemente, correlato do mundo que é dinâmico, torna-se agente da história. Possuidor de consciência, capta e divulga a natureza, transformando-a em mundo. Esta transformação, esta criação, se dá pela palavra poética. Esta é a meta da poesia drummondiana.

Drummond "sente" o mundo e o homem que vive nele. Daí a necessidade de mudá-lo através daquilo que dá liberdade ao homem: esperança e imaginação. Sofrer o mundo sem a pretensão de mudá-lo é negar a liberdade e as possibilidades da imaginação, alimentada pela natureza.

Fizemos referências à memória. A poesia de Drummond é mais descobrimento do que invenção; é uma volta às raízes a fim de re-velar um mundo que possua significação universal. O poeta sujeita-se a manifestar o pré-existente como destino do homem: "Toda forma nasce uma segunda vez e torna / infinitamente a nascer".

É em "Mãos Dadas" que Drummond nos diz claramente os motivos dos seus poemas. As mulheres e as estrelas têm substitutos: "O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, / a vida presente" (28). Este tempo não é o passado ("mundo caduco") nem o futuro. O poeta possui uma perspectiva dinâmica da vida, que é sempre presente. Daí o papel do poeta na história: impedir que o "mundo caduco" encontre sua continuidade caduca num futuro que será caduco se a idéia de estaticidade prevalecer. Isto somente acontecerá se o homem deixar de atuar sobre o ambiente em que vive. Dizer "Estou preso à vida e olho meus companheiros" equivale a afirmar: sou poeta do presente, participo do estado poético da natureza e sou sensível

àquilo que ela me propicia. Lutando com palavras, procuro restabelecer o equilíbrio no mundo. Isto é poesia, isto é ser poeta.

RELAÇÃO DOS POEMAS CITADOS NO TRABALHO

- (1) (2) (3) Também já fui brasileiro.
- (4) Política
- (5) Nota social
- (6) Poesia
- (7) O sobrevivente
- (8) Explicação
- (9) Convite triste
- (10) Segredo
- (11) Ode ao cinquentenário do poeta brasileiro
- (12) Mãos dadas
- (13) Poesia
- (14) (15) O lutador
- (16) Consideração do poema
- (17) O arco
- (18) (19) Procura de poesia
- (20) Nosso tempo
- (21) (22) O sobrevivente
- (23) Ontem
- (24) Cidade prevista
- (25) Idade madura
- (26) A palavra e a terra
- (27) A Luís Maurício, Infante
- (28) Mãos dadas

BIBLIOGRAFIA CITADA

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião*. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1976.
2. BERGSON, Henri. *Matière et mémoire*. Ap. SANT'ANNA, Affonso Romano de. «Carlos Drummond de Andrade: análise da obra». R. de Janeiro, Documentário, 1977.
3. CRIPPA, Adolfo. *Mito e cultura*. S. Paulo, Convívio, 1975.
4. CROCE, Benedetto. *A poesia*. P. Alegre, Ed. UFRGS, 1967.
5. DUFRENNE, Mikel. *O poético*. P. Alegre, Globo, 1969.
6. HEIDEGGER, Martin. *Sendas perdidas*. Buenos Ayres, Losada, 1960. Tempo Brasileiro, 1976.
7. PFEIFFER, Johannes. *Introdução à poesia*. Lisboa, Europa América, 1966.
8. PORTELLA, Eduardo. *Teoria da Comunicação Literária*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1976.